

A PRIMEIRA A PARAR E A ÚLTIMA A VOLTAR? PESQUISANDO OS IMPACTOS DA COVID-19 NA ECONOMIA CRIATIVA – UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

**Daniele Canedo¹, Carlos Paiva², Carmen Lima³, Carlos Magno Guerra⁴,
Elizabeth Ponte⁵, Leonardo Costa⁶, Luiz Gustavo Campos⁷, Mércia
Queiroz⁸, Raissa Caldas⁹, Renata Rocha¹⁰, Rosimeri Carvalho¹¹, Luciana
Guilherme¹², João Guerreiro¹³**

RESUMO

Em março de 2020, os pesquisadores do Observatório da Economia Criativa da Bahia (OBEC-BA) iniciaram a pesquisa sobre as consequências da crise sanitária para os setores artísticos, culturais e criativos no Brasil. Esta foi a primeira pesquisa nacional com esse formato e propósito, inspirada em estudos internacionais. Os dados foram coletados entre os dias 27 de março e 22 de julho, obtendo-se 2.692 respostas, sendo 1.695 de indivíduos e 996 de organizações. Os resultados mostram, entre outros, o curto prazo da capacidade de manutenção dos agentes culturais, a percepção de longa duração das consequências da crise, as estratégias de enfrentamento desenvolvidas e as sugestões de medidas para recuperação dos setores.

-
- 1 Docente e pesquisadora Cecult - UFRB / Coordenadora do OBEC-BA. E-mail: danielcanedo@ufrb.edu.br
- 2 Pesquisador e gestor público FUNCEB/SECULT. E-mail: cpaiva.cultura@gmail.com
- 3 Docente e pesquisadora UNEB. E-mail: carmen.lima20@gmail.com
- 4 Docente e pesquisador UNEB/ Doutorando NPGA/UFBA. E-mail: cmagnodiniz1@gmail.com
- 5 Pesquisadora e gestora cultural. E-mail: pontebeth@gmail.com
- 6 Docente e pesquisador FACOM/UFBA. E-mail: leocosta@ufba.br
- 7 Mestrando PÓS-CULTURA/UFBA. E-mail: lugsca@gmail.com
- 8 Doutoranda PÓS-CULTURA/UFBA; FUNCEB/SECULT. E-mail: melaquinoqz@gmail.com
- 9 Mestranda PÓS-CULTURA/UFBA. E-mail: rahissacaldas@gmail.com
- 10 Docente e pesquisadora FACOM/UFBA. E-mail: renatatrocha@ufba.br
- 11 Docente e pesquisadora UFRGS. E-mail: rosimeri.carvalho@ufrgs.br
- 12 Docente e pesquisadora ESPM/RJ. E-mail: luciana.guilherme@espm.br
- 13 Docente e pesquisador IFRJ. E-mail: joao.mendes@ifrrj.edu.br

Pesquisar a cultura no meio da crise? O contexto

No Brasil, no que compete às políticas públicas para a cultura no âmbito federal, é possível afirmar que a crise nos setores artísticos, culturais e criativos precede a pandemia do novo Coronavírus. Desde 2015, o orçamento do Ministério da Cultura vinha diminuindo e a Emenda Constitucional n.º 95, conhecida como a PEC do teto de gastos públicos, apontava para um achatamento ainda maior (BRANT, 2018). Adicionalmente, a partir do governo Temer foram realizadas sucessivas reformas administrativas que reduziram a estrutura do órgão, culminando em sua transformação na Secretaria Especial de Cultura, no início do governo Bolsonaro. A nova secretaria tem vivenciado um período de instabilidade com alta rotatividade de gestores e sem quaisquer políticas de repercussão nacional. Somam-se a isso o contingenciamento dos recursos do Fundo Nacional de Cultura e o fato de que as políticas culturais de fomento foram alvo de campanhas difamatórias, com tentativas de criminalização resultando, inclusive, na instauração de CPI. Infelizmente, tal contexto tem repercutido nos âmbitos estadual e municipal, resultando no enfraquecimento de suas estruturas de gestão da cultura.

É nesta conjuntura que os setores criativos foram atingidos, em 2020, pela crise sanitária internacional. Os decretos proibindo aglomerações e as recomendações de isolamento social provocaram uma súbita e substancial perda de oportunidades de receita decorrente do fechamento de teatros, museus, cinemas, centros culturais e do cancelamento/adiamento de vários eventos públicos, apresentações e produções. Tais setores, em geral, estão entre os primeiros que sentiram os impactos da crise sanitária e, provavelmente, estarão entre os últimos a retornarem às atividades no mundo pós-pandemia.

A crise motivou a realização de pesquisas, ao redor do mundo, com o objetivo de mensurar os impactos das medidas de contenção do vírus para os setores da chamada economia criativa. No Brasil, o Observatório da Economia Criativa da Bahia (OBEC-BA), grupo de pesquisa multidisciplinar e interinstitucional, entendeu, logo no início da pandemia, que era urgente criar mecanismos para registrar, monitorar e analisar os efeitos da crise nas artes, na cultura e na economia criativa no país. A pesquisa

“Impactos da COVID-19 na Economia Criativa” foi desenvolvida com este objetivo, em caráter emergencial – em dez dias foram realizadas todas as etapas do processo de desenvolvimento de uma pesquisa: análise de referenciais metodológicos e conceituais; levantamento do estado da arte; desenvolvimento do método e definição dos recortes; além da elaboração dos questionários.

No dia 27 de março, dois modelos de questionários foram disponibilizados para coletar dados, na expectativa de que os resultados pudessem fornecer subsídios para a tomada de decisões nos setores público e privado. Este relato de experiência apresenta as etapas de realização da pesquisa em dois subtópicos, além desta introdução. No primeiro, apresentamos o processo de desenvolvimento da pesquisa. Em seguida, descrevemos a produção dos boletins “Resultados Preliminares”, com resultados parciais da pesquisa, e ressaltamos os principais aprendizados. O objetivo do relato é promover reflexões sobre o levantamento de dados e a geração de conhecimento sobre a economia criativa no Brasil através da pesquisa acadêmica, de modo a contribuir para o aprimoramento de iniciativas na área, tanto do OBEC-BA, como de outros grupos de pesquisa.

Proposição e construção

Tão logo os primeiros decretos proibindo aglomerações foram publicados, uma equipe de dez pessoas do OBEC-BA – composta por docentes e discentes da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), da Universidade Federal da Bahia (UFBA), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), além de pesquisadores independentes e de outras instituições públicas e privadas – decidiu realizar a pesquisa na Bahia. Todavia, no levantamento do estado da arte das pesquisas sobre as consequências da COVID-19 no setor cultural, percebeu-se que havia uma lacuna de iniciativas desse tipo no país e que o instrumento de coleta de dados, que estava em desenvolvimento, poderia servir para analisar os impactos em outros estados da federação, oportunizando a realização de análises comparativas. Foram, então, realizados contatos com pesquisadores de outras localidades visando a estabelecer colaborações acadêmicas. Assim, somaram-se à equipe inicial pesquisadores da Universidade Federal do

Rio Grande do Sul (UFRGS), da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-Rio), do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ) e da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

Também foi elaborado um modelo de parceria institucional, enviado para os órgãos de cultura das capitais e dos estados brasileiros. A proposta previa a disponibilização da base de dados e de relatórios com os resultados da pesquisa, com recorte geográfico, de forma gratuita a estados e capitais, solicitando, como contrapartida, apoio na divulgação da pesquisa nas redes artísticas, culturais e criativas de cada região. Os órgãos que realizaram a parceria com a pesquisa foram a Secretaria de Cultura do Estado da Bahia; a Fundação Gregório de Mattos, da Prefeitura de Salvador; o RS Criativo e a Secretaria de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul; a Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais; a Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro e a Cátedra Unesco de Políticas Culturais e Gestão da Fundação Casa de Rui Barbosa.

A decisão de elaborar dois instrumentos para coletar dados de indivíduos e organizações teve como propósito permitir captar particularidades, mas também viabilizar análises comparativas. A realização do estado da arte evidenciou que, no início da pandemia, a maior parte das pesquisas no Brasil estavam preocupadas em mensurar impactos econômicos, com foco na quantidade de eventos cancelados e nas perdas de receita e renda para o setor. Por meio de reuniões *on-line*, foram discutidos modelos conceituais e metodológicos que ampliam a perspectiva da avaliação de impacto para além da dimensão econômica. O modelo consensuado buscou refletir uma compreensão de cultura que abarca as dimensões social, simbólica e econômica. O questionário está dividido em três partes que procuram identificar:

1. Impacto estimado da COVID-19 - identificação do perfil dos impactados, a proporção das atividades afetadas, a escala de grandeza das perdas financeiras, quais as receitas estão sendo mais impactadas e possíveis choques no mercado de trabalho da economia criativa;
2. Estratégias de enfrentamento - como cada organização e indivíduo está avaliando a crise e se preparando para enfrentar a situação. A pesquisa procura identificar a percepção do setor criativo

e as estratégias que estão sendo acionadas para enfrentar a situação, incluindo necessidades não atendidas;

3. Relações prévias com o poder público – tendo em vista o papel que o poder público tem no fomento à cultura nacional e no enfrentamento da crise da COVID-19, a pesquisa procura mapear, de forma sucinta, a relação dos agentes culturais nos últimos cinco anos, com os três níveis de governo no Brasil, através dos mecanismos de fomento mais tradicionais (apoio direto, incentivo fiscal e crédito) e as relação com instituições estrangeiras.

O questionário passou por duas fases de teste. Primeiro, foi enviado para pesquisadores e agentes culturais experientes que fizeram uma série de recomendações e sugestões. Posteriormente, entre os dias 27 de março e 17 de abril, o questionário foi disponibilizado para o público e recebeu respostas de 392 indivíduos e 255 organizações. A análise dos resultados dos primeiros 22 dias de aplicação contribuiu para a exclusão e a reformulação de algumas questões, de modo a facilitar a coleta e leitura dos dados. No total, a pesquisa ficou disponível entre os dias 27 de março e 22 de julho e recebeu 2.692 contribuições, sendo 1.695 respostas de indivíduos e 996 de organizações.

Resultados parciais e aprendizados do processo

A rápida evolução do cenário pandêmico no Brasil e no mundo, com mudanças cada vez mais rápidas, trouxeram à tona a necessidade da elaboração de documentos prévios ao relatório final que pudessem auxiliar no entendimento dos impactos da pandemia para o setor cultural e na elaboração de medidas de assistência nos estados e municípios do país. Ao longo dos três meses de aplicação da pesquisa, foram produzidos cinco boletins preliminares como forma de exposição dos resultados parciais que puderam ser percebidos ainda no decorrer da coleta de dados. Cada Boletim Preliminar foi produzido com base na escolha de questões que se destacaram ao longo das semanas, apresentando pontos que poderiam ser úteis como fonte de informação sobre a realidade do setor cultural na pandemia.

Nas primeiras quatro edições, foram abordados temas como as características socioeconômicas dos respondentes, os tipos e portes das organizações respondentes, a capacidade de manutenção com a queda na receita, sugestões de medidas para enfrentamento da situação e recuperação dos setores, relações prévias com fomento público e estimativa temporal dos impactos. O Boletim Preliminar 5 foi elaborado como uma edição especial direcionada a Lei n.º 14.017/2020, conhecida como Lei Aldir Blanc, contendo questões que se relacionam mais diretamente com as potencialidades e desafios em sua aplicação. Além da exposição dos dados coletados, nessa edição especial o grupo optou por elaborar recomendações que pudessem auxiliar gestores e agentes culturais na aplicação da lei em seus territórios e municípios. Os cinco boletins foram divulgados amplamente nas redes sociais e estão disponíveis no site do OBEC-BA (obec.ufba.br).

O processo de elaboração e aplicação da pesquisa enfrentou limites e desafios. Uma das primeiras limitações identificadas foi a dificuldade de mensurar impacto em termos absolutos. A economia criativa é um conceito guarda-chuva que abriga setores heterogêneos e com modelos de negócios díspares, com organizações e profissionais com receitas e perdas em escalas muito diversas. Ademais, é preciso ressaltar a histórica carência de dados macro e microeconômicos que sirvam como referência para as análises. Falta consenso quanto aos conceitos e metodologias adotados em estudos oficiais e acadêmicos. Por fim, o desafio basilar é a dificuldade de alguns profissionais e organizações da economia criativa em sistematizar e reportar informações sobre a própria atuação, incluindo dados precisos de receitas e perdas. Faltam registros administrativos, planejamento e previsões e, em alguns casos, também existe receio de revelar estas informações. Somam-se as dificuldades de acesso à internet e a falta de tempo para responder ao questionário, tendo em vista que a maioria dos agentes culturais está buscando formas de garantir o sustento familiar.

O contexto da crise sanitária de 2020 deve ficar registrado como um marco na história global. Assim como em outros setores, os profissionais e as organizações da economia criativa estão sendo desafiados a desenvolver novos procedimentos de gestão; modos de produção; estratégias de

difusão de bens, produtos e serviços; de relacionamento com os públicos e de consumo cultural. Os resultados da pesquisa evidenciaram divergências quanto a algumas percepções presentes no debate público. Em especial, cabe destacar que: o alcance do fomento estatal é menor do que se estima a partir dos debates; existe uma baixa adesão ao associativismo nos setores culturais; e agentes e organizações não estão paralisados, visto que estão investindo em outras frentes, como desenvolvimento de novos bens, produtos e serviços artísticos, culturais e criativos, apesar de terem sido altamente impactados pela suspensão e cancelamento das atividades.

A pesquisa trouxe achados relevantes também em relação às medidas que poderão ajudar a recuperar a economia dos setores artísticos, culturais e criativos. As respostas indicam não apenas a necessidade de apoio financeiro, dado o curto período em que os respondentes poderiam se manter com suas atividades suspensas, mas também a expectativa por parte dos agentes culturais de que órgãos públicos de cultura atuem como consultores técnicos e mediadores na reorganização e adaptação dos setores. Exemplos de iniciativas mencionadas incluem cursos e capacitações, estímulo à criação de novos modelos de negócio, reorganização do calendário de eventos, campanhas de divulgação e valorização da produção e do consumo cultural e medidas regulatórias, como criação de protocolos de saúde pública.

A pergunta sobre estimativa da temporalidade dos impactos foi importante por apresentar como esta percepção foi se alterando ao longo dos meses, acentuando a avaliação de que as consequências da crise serão sentidas para além de 2020. A visão agregada do setor oferece uma perspectiva não personalista, importante para as análises que o momento demanda. Sendo este um tema central para planejamento das políticas públicas de resposta à crise e para as estratégias dos agentes no campo da cultura, os dados ajudaram a ressaltar a importância de medidas de médio e longo prazo.

Por fim, a experiência é um bom exemplo de como atividades de pesquisa podem contribuir para enriquecer o debate público sobre políticas culturais. Em diversas áreas cresce a valorização de políticas públicas baseadas em dados, mas a prática ainda é incipiente, quando não

inexistente no campo da cultura. Diante de tantas incertezas e da escassez de recursos, incorporar esta capacidade no processo de formulação de políticas pode ser fundamental para evitar que a cultura sofra impactos ainda mais devastadores e duradouros e auxiliar os gestores públicos e o processo político a fazer escolhas que melhor beneficiem e fortaleçam o setor.

REFERÊNCIAS

BRANT, J. A morte lenta das políticas federais de cultura. In: ROSSI, Pedro; SWECK, Esther; OLIVEIRA, Ana Luíza M.. **Economia para poucos:** impactos sociais da austeridade e alternativas para o Brasil. São Paulo: Autonomia Literária, 2018

CANEDO, D; LIMA, C.; PONTE, E. ; COSTA, L; CAMPOS, L. G.; QUEIROZ, M.; SOUZA, R. P. T. R. ; PAIVA NETO, C.; GUERRA, C. M.; CALDAS, R; CARVALHO, R. Impactos da COVID-19 na Economia Criativa – **Boletim Resultados Preliminares – Edição 1** 2020a (Boletim periódico de pesquisa).

CANEDO, D; LIMA, C.; PONTE, E. ; COSTA, L; CAMPOS, L. G.; QUEIROZ, M.; SOUZA, R. P. T. R. ; PAIVA NETO, C.; GUERRA, C. M.; CALDAS, R; CARVALHO, R. Impactos da COVID-19 na Economia Criativa – **Boletim Resultados Preliminares – Edição 2** 2020b (Boletim periódico de pesquisa).

CANEDO, D; LIMA, C.; PONTE, E. ; COSTA, L; CAMPOS, L. G.; QUEIROZ, M.; SOUZA, R. P. T. R. ; PAIVA NETO, C.; GUERRA, C. M.; CALDAS, R; CARVALHO, R. Impactos da COVID-19 na Economia Criativa – **Boletim Resultados Preliminares – Edição 3** 2020c (Boletim periódico de pesquisa)

CANEDO, D; LIMA, C.; PONTE, E. ; COSTA, L; CAMPOS, L. G.; QUEIROZ, M.; SOUZA, R. P. T. R. ; PAIVA NETO, C.; GUERRA, C. M.; CALDAS, R; CARVALHO, R. Impactos da COVID-19 na Economia Criativa – **Boletim Resultados Preliminares – Edição 4** 2020d (Boletim periódico de pesquisa).

CANEDO, D; LIMA, C.; PONTE, E. ; COSTA, L.; CAMPOS, L. G.; QUEIROZ, M.; SOUZA, R. P. T. R. ; PAIVA NETO, C.; GUERRA, C. M.; CALDAS, R; CARVALHO, R. Impactos da COVID-19 na Economia Criativa - **Boletim Resultados Preliminares - Edição 5** 2020e (Boletim periódico de pesquisa).